

Os (des)caminhos da adolescência

Edson Saggese

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria.

Doutor em Ciências da Saúde pelo IPUB/UFRJ, psiquiatra, psicanalista, professor do Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

“A torcida Jovem do Flamengo apoia Saddam Hussein, celebra Khomeini e apoia quem desafia os EUA, como Bin Laden” – esta é uma manchete da página de esportes do Jornal do Brasil de setembro de 2001. A torcida carrega para os estádios uma bandeira de cinco metros com o rosto de Saddam e vende camisetas com os rostos de Khomeini, Fidel, Arafat e Guevara. A *Young Flu*, uma das torcidas organizadas do Fluminense, divulga, através de panfletos, sua teoria sobre os atentados de 11 de setembro, em Nova Iorque e Washington: os próprios americanos teriam forjado os atentados para que o Congresso Americano aprovasse o projeto Guerra nas Estrelas proposto por Bush.

Talvez seja necessário dar uma resposta mais complexa sobre o significado das bandeiras e das posições ideológicas das torcidas jovens. Análises sobre jovens começam, em geral pela enumeração de determinadas características psíquicas que lhes seriam próprias como imediatismo, imaturidade, tendência à passagem ao ato etc. Mas os jovens fazem parte de uma sociedade e só podem ser compreendidos por uma análise que leve em conta o conjunto social. O que é próprio do jovem contemporâneo é a necessidade de encontrar um lugar na sociedade, construir um projeto individual, responder por si mesmo, solto das amarras familia-

res. Deve cumprir essas tarefas numa sociedade em mutação e sem lugares demarcados. A sociedade moderna – hipermoderna ou pós-moderna, como querem muitos sociólogos - deixa uma grande margem de indeterminação e imprevisibilidade para o indivíduo, principalmente para o jovem que se depara com a necessidade de escolhas num mundo em que todos os valores são controversos e as opções são abundantes para alguns e escassas para a maioria.

A invenção social da adolescência

A distância entre o mundo infantil e o adulto, tal como se apresenta atualmente, não existia em períodos históricos anteriores como a Idade Média. O que hoje denominaríamos infância, com suas diversas subdivisões etárias, podia ser separado, no período medieval, em apenas duas etapas: enquanto muito pequena e dependente de cuidados básicos para a sobrevivência, a criança vivia com a mãe ou a ama; logo que possível misturava-se ao mundo adulto, participando das atividades sociais corriqueiras. O distanciamento entre o estado infantil e a condição de adulto é acompanhado pelo surgimento de um novo período etário: *a adolescência*.

A partir do século XVIII e mais acentuadamente no século XIX a adolescência vai tornando-se, no mundo

ocidental, uma classe etária delimitada. Nem adulto nem criança, nem dentro nem fora da família, o adolescente começa a constituir um mundo à parte: jovens que buscam, conflitivamente, uma definição singular e única para suas vidas.

As sociedades tradicionais possuem mecanismos rituais para marcar a travessia da puberdade e indicar ao indivíduo o seu lugar no mundo adulto. Nesses casos é abusivo falar de adolescência, no sentido que o termo toma nas sociedades modernas. Ritualizada, a passagem de criança a adulto não implica, nas sociedades tradicionais, no montante de conflito e indefinição que encontramos entre nós. Na civilização moderna os problemas existenciais frequentemente aparecem ao sujeito como um conflito entre o indivíduo e a sociedade, com tempos de ruptura e de busca de um lugar, ainda indeterminado, no universo social.

Como exemplo das sociedades tradicionais, temos as sociedades tribais, onde a passagem da infância à vida adulta é conduzida pelos *ritos de passagem*. A função dos ritos nas sociedades tradicionais é controlar momentos individualizantes propiciando a resolução de crises de vida ou de momentos aflitivos. Trata-se de destacar os noviços para que possam ser domesticados dos seus impulsos antissociais e novamente incorporados à sociedade. A direção do movimento

ritual na sociedade tradicional é de engendrar uma complementaridade interna havendo esforço em individualizar controladamente, com o grupo tomando a iniciativa desse processo e por meio dos agentes certos em momentos adequados e programados.

Há um processo de individualização ou de diferenciação sob o controle da sociedade. Os rituais de passagem incluem mutilações, assim como as máscaras ou as pinturas corporais que são marcas de diferenças, temporárias ou definitivas. Os muitos exemplos etnográficos (cortar o prepúcio, cortar a última falange do dedo mínimo, cortar o lóbulo da orelha, perfurar o septo nasal, tatuagens ou escarificações) mostram uma equivalência de sentido, apontam para uma operação que afasta o indivíduo mutilado da humanidade comum, por um rito de separação (ideia de secção, de perfuração etc.) que automaticamente o agrega a um grupamento determinado, e de tal maneira que, a operação deixando traços indelévels, a agregação seja definitiva.

A questão da separação de uma vida ou de um meio anterior é fundamental nos ritos de passagem e costuma anteceder a parte da cerimônia que vai ligar o indivíduo a sua nova situação de vida. Em algumas tribos australianas as cerimônias de iniciação ao grupamento totêmico começam pela separação do noviço do mundo das mulheres e crianças. A se-

paração da mãe é violenta e, depois de ligar-se ao mundo dos homens, todos os jogos da infância devem ser abandonados. Em certas tribos o principiante é considerado morto durante o período da iniciação. A situação assemelhada com a morte é obtida pelo enfraquecimento físico e mental que pode incluir jejuns, reclusão, maus tratos, e até o uso de substâncias psicoativas como o tabaco e o *peyote*. O sentido do processo é permitir a perda dos registros da vida infantil, da *personalidade anterior*, e um ressuscitar para uma vida diversa.

Esses ritos têm uma parte positiva de inscrição do indivíduo no grupamento a que vai pertencer por toda sua vida adulta. As mutilações, às quais já nos referimos, vão identificar o novo membro com os demais componentes do clã e o ensino de código de costumes, o aprendizado dos mitos e do cerimonial tradicional completam a integração. É importante notar que a produção de uma identidade para o sujeito nessas sociedades só é possível através das relações com os outros, exercendo uma função que os ritos vão introduzir. Não se trata, como o que ocorre entre os nossos adolescentes, de algo que se passa no campo da interioridade psíquica do jovem.

O Jovem Hoje

O drama do jovem contemporâneo passa pela busca do seu

eu como se ele não o tivesse, e, no entanto, tem certeza que seu único ponto fixo é este eu, já que ele não é capaz de encontrar nenhum ponto de ancoragem fora dele mesmo. A experiência de ser adolescente confronta o sujeito com o desafio de construir um projeto individual *sem a proteção da família*, o baluarte que é obrigado a abandonar, e sem o auxílio eficiente de outra instância social ou de algum rito suficientemente abrangente para conduzi-lo na travessia.

A família constitui um espaço especial na sociedade moderna. Dentro dela permanecem regras já abolidas no contexto social mais amplo, como a predominância do afetivo e a hierarquização das relações. A mediação entre o nascimento biológico e a socialização primária do ser humano parece ser uma função para qual a família ainda é insubstituível. O paulatino desligamento da família do espaço social e a partilha de funções entre ela e outras instâncias sociais não se dá sem problemas. Vivendo um período etário marcado pela transição entre o mundo familiar e um círculo social ampliado, o adolescente está no centro das pressões que atingem tanto o indivíduo-família como o indivíduo-singular. Pressionado a deixar o círculo familiar que se encontra cada vez mais desprovido de instrumentos para mapear o caminho de seus filhos no espaço social externo, o jovem está exposto às

pressões que se acumulam sobre o indivíduo contemporâneo.

Muitos são os sinais da vulnerabilidade da juventude às dificuldades de encontrar um lugar no universo individualista da sociedade contemporânea: a elevação da taxa de suicídio, o crescimento das condutas violentas e criminais entre os jovens, a disseminação do uso de drogas e álcool. A fragilidade e a vulnerabilidade crescem entre os adolescentes destituídos de pontos de referência e de enraizamento. No caso dos adolescentes brasileiros existe um forte complicador da questão da criminalidade, que poderíamos chamar de *individualismo na miséria*, e que pode ser ilustrado pelas palavras de um *menino de rua*: “*Vocês querem saber o que eu quero...mas o que eu quero mesmo? Quero é trabalhar na boca porque aí ninguém vai mexer comigo e eu não vou apanhar da polícia*”. Testemunhamos, no caso, a elaboração de um *projeto de vida* baseado na criminalidade - tráfico de drogas - capaz, na imaginação do jovem, de lhe fornecer garantias de respeito e segurança para a vida adulta.

Os projetos dos adolescentes brasileiros das camadas populares passam pelo trabalho ou pela falta de perspectiva para ele. Mas todo o trabalho na adolescência traria consequências negativas? Na avaliação das relações entre trabalho e saúde mental do adolescente deve-se

confrontar as situações agravantes, quanto ao sofrimento psíquico, com os fatores de proteção. Como fatores de proteção destacam-se a interação do trabalho com: um projeto de vida; a manutenção de um tempo livre (utilizado para convivência familiar, atividades lúdicas ou educacionais); continuidade da escolarização; experiências positivas de sociabilidade no ambiente de trabalho. Alguns relatos de adolescentes trabalhadores apontam para o desgaste no trabalho e a possibilidade de atenuar esse desgaste. Andrea (16) reclama que: “*tem que permanecer no máximo 6 horas por dia. Prá gente tem que ser menos. Porque senão fica pesado, pois a gente tem que estudar. Já fica pesado trabalhar 6 horas, imagina o dia todo*”. Marcela (16) confirma: “*o ruim é que trabalho muito. Eu fico muito cansada. Eu trabalho de segunda a sexta. Às vezes tenho que trabalhar sábado e não posso, às vezes, sentar, tem que ficar em pé. O que mais prejudica é em casa mesmo. Não tenho tempo de ficar com minha mãe e, às vezes, não dá tempo de vir para a escola*”.

Nos dois fragmentos de discurso pode-se observar a demanda das adolescentes por *um outro tempo*, um período não laborativo, a necessidade de não esgotar-se no trabalho para poder estudar e a demanda do convívio familiar, do contato com a mãe. Assim as questões que ligam o

trabalho com a vivência de um *tempo outro* apontam para a escola e a família como dois aspectos da vida do adolescente que podem fornecer proteção quanto aos possíveis agravos causados pelo trabalho.

Outros exemplos do comportamento jovem servem para ilustrar impasses da travessia para a vida adulta. As *pichações* que cobrem diversos espaços das nossas cidades são, sem dúvida, fruto de um trabalho essencialmente adolescente. Organizados em grupos ou agindo solitariamente, um grande número de jovens reveza-se na atividade de *pichar*. Os *pichadores* desafiam as advertências das autoridades, o clamor dos meios de comunicação que fazem editoriais lamentando a *incivilidade* e o *vandalismo*. O que querem os *pichadores*? Buscam a atenção pública, transgredindo regras sociais supostamente aceitas. Essa transgressão produz prestígio e constitui uma das poucas fontes possíveis de reconhecimento. As marcas que os adolescentes deixam inscritas em locais que funcionam como painéis têm de ser vistas e esta visibilidade os destaca no panorama social onde muitas vezes o mais visível (ou até *bem visto*) é o transgressor- aquele que *gosta de levar vantagem em tudo*, fiel cumpridor da *Lei de Gerson*. Esses jovens recusam qualquer sentido no seu protesto, suas inscrições não significam especialmente nada: são marcas de

recusa e originalidade, mas apontam para a precariedade das normas sociais e para a aspiração de singularidade.

O risco da adolescência

Passar de criança a adulto obrigaria o indivíduo a uma ruptura com as identificações adquiridas na infância. Como aves na muda, os adolescentes necessitam trocar suas *penas* que, com crescimento, tomam o aspecto de emprestadas ou desconfortáveis. O que está em jogo na adolescência é a capacidade do sujeito de integrar-se no campo sociossimbólico. Assim, os transtornos do narcisismo adolescente (como a profunda preocupação que as transformações corporais trazem ao púbere) são correlatos às oscilações do ideal do eu que o sustenta e que sofre injunções advindas do campo social.

Como já foi descrito, as sociedades tradicionais dispunham de *ritos de passagem* que indicavam aos jovens como encaixar seus corpos em transformação no espaço social adulto. Tudo fazia sentido: as transformações corporais, as marcas produzidas no corpo, as atitudes esperadas pela sociedade. A crise estava sob o controle social. Atualmente o jovem tem que lidar com a falta de um sentido predeterminado para as mudanças que seu corpo sofre. Os *piercings* e as tatuagens, as roupas exóticas e os comportamentos extravagantes

apontam para uma tentativa de criar pontos de identificação, baseados no corpo, para dar conta da necessidade de encontrar pontos de identificação para o sujeito. Mas, numa sociedade pós-moderna, em constante transformação, nada é suficiente para dar conta do lugar de cada sujeito. As modas se sucedem e as referências que uma determinada tatuagem podiam fornecer se esgotam. O nome do amado, registrado na pele, passa ser só a lembrança de uma relação que terminou e foi sucedida por outra. As roupas e atitudes que marcavam o pertencimento do jovem a uma tribo urbana definida, perderam a razão de ser, pois a tribo se dissolveu após alguns conflitos.

Para uma estabilização da identidade o indivíduo necessita comparar-se a um ideal - *ideal do eu* - vai ordenar a errância das identificações imaginárias, como são aquelas baseadas em marcas corporais ou comportamentos imitativos. Só estabelecendo um registro simbólico no seu espaço psíquico o adolescente poderá ver-se como um indivíduo integrado. O sujeito só se reconhece como tal quando pode dar uma descrição ideal de si, julgar o que é a partir de um horizonte de ideais, o que depende da existência desses parâmetros na cultura a que pertence. A dificuldade reside justamente em que a época em que vivemos caracteriza-se, sobretudo, pela dificuldade em se ape-

lar a uma ordem simbólica fixa, universal e ordenada por princípios que sirvam de paradigma à existência do sujeito.

Não poder estabilizar sua identidade de indivíduo expõe o adolescente a riscos. A *crise normal* da adolescência pode deteriorar-se, precipitando situações de desestabilização quanto à saúde mental. A frequência de transtornos mentais sérios aumenta simultaneamente com o caráter evolutivo da sociedade. É provável que fossem mais raros nas sociedades estáveis. O impedimento da resolução de certas crises de adolescência liga-se à incapacidade do adolescente que deve responder, a partir da sua identificação simbólica fundante, aos desafios que a sociedade lhe propõe. A necessidade, produzida pela sociedade, de remanejar antigas identificações, gera respostas sintomáticas do adolescente, algumas graves como a violência, a anorexia, as psicoses ou o suicídio.

A adolescência é um período particularmente rico em possibilidades desestabilizadoras. Momento de definições diversas no campo sexual, profissional, familiar, a adolescência lança questões que alguns indivíduos não têm condição de contornar. O adolescente é convocado *a tomar a palavra* para definir seu ser e já não pode contar com a referência às amarras do espaço familiar. Exemplos dessa convocação incluem aconteci-

mentos como a primeira relação sexual, o confronto com um rival numa triangulação amorosa, a chamada à paternidade, a separação de uma figura que funcionava como uma âncora identitária (por exemplo, a mãe).

Aluízio, um adolescente psicótico de 16 anos, declara:

“Uma pessoa que entra na adolescência é como se estivesse andando sobre um abismo, em uma ponte invisível. Então se a pessoa cai no abismo, ela precisa de alguém que lhe jogue uma corda e a tire do abismo, ela não consegue sair do abismo sozinha, e uma pessoa que está fora da adolescência, está com o pé no chão e não sobre uma ponte invisível, então ela pode sair sozinha dos problemas e não deixar que a levem de volta à adolescência, dentro do abismo que existe sob a ponte”.

Essa afirmação traduz a situação-limite criada pelos impasses da sociedade contemporânea, na qual dificilmente alguém pode se conceber nessa situação, idealizada por Aluízio, de estar firmemente com o pé no chão e guiar o adolescente para que caminhe com segurança sobre a ponte invisível.

Para saber mais

Saggese, E.- Adolescência e Psicose. Transformações sociais e os desafios da clínica. Companhia de Freud, Rio de Janeiro, 2001.

